

A surpresa do 2º turno

Haroldo Hollanda

Confirmadas no processo de apuração as previsões de boca-de-urna realizadas pelos institutos de pesquisa, tudo indica que a disputa do segundo turno venha a se travar entre os candidatos Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva. Nessa primeira rodada eleitoral, o candidato do PRN deve chegar bem na frente dos seus concorrentes. No entanto, no confronto do segundo turno, Lula pode perfeitamente bater Collor, repetindo no Brasil fenômeno eleitoral idêntico ocorrido em Portugal, há anos passados. A exemplo do que pode estar sucedendo aqui, em Portugal o candidato de direita, Freitas do Amaral, no primeiro turno, teve 47% dos votos, enquanto Mários Soares, do Partido Socialista, ficou com 27% dos sufrágios. No turno final das eleições portuguesas, veio a grande surpresa: Freitas do Amaral repetiu os mesmos 47%, enquanto Mário Soares, concentrando em torno do seu nome todas as forças de esquerda, acabou sendo o vitorioso com 51% dos votos.

O Ibope, na pesquisa de boca-de-urna, aponta ainda um empate técnico entre Brizola e Lula. Brizola, como candidato, reuniria maior capacidade de aglutinação política do que Lula neste turno final, dado o poder que teria de fazer alianças as mais diversificadas. O PMDB, quase que em peso, por exemplo, marcharia ao lado de Brizola, segundo anteciparam dias atrás várias de suas lideranças. Mesmo no PFL, algumas de suas lideranças, por problemas políticos de ordem regional, preferiam a Collor o governador do Rio Grande do Sul. O senador Hugo Napoleão, presidente do PFL, antes de viajar ao Piauí para votar, anunciou que no segundo turno estaria com Brizola, se seu adversário fosse Collor de Mello. Mas se o mesmo quadro se caracterizasse, tendo Lula como o outro concorrentes preveniu que não teria jamais condições de dar seu apoio ao candidato do PT. Em idêntica situação está o senador alagoano Divaldo Suruagy, do PFL.

Num confronto derradeiro em que Lula figure como adversário de Collor, o fiel da balança pode ser agora reservado ao PMDB. Governadores do partido, como Orestes Quêrcia e Newton Cardoso, dispunham-se a votar em Brizola. É possível que reflitam muito antes de dar seu apoio ao candidato do PT. A candidatura de Lula, se vitoriosa nas eleições e com sua consequente ascensão ao poder, representaria um rompimento total com as estruturas que compõem o chamado "establishment" brasileiro. Quêrcia e Newton Cardoso, apesar de suas simpatias por uma posição moderada de esquerda, constituem peças da engrenagem do poder dominante. Situação semelhante à de Quêrcia e do PMDB de esquerda moderada poderá se repetir também no PSDB de Mario Covas. A facção mais à esquerda do PSDB não terá nenhum constrangimento político em manifestar de imediato seu apoio a Lula, mas as demais figuras do partido, de tendência moderada, relutarão antes de tomar qualquer atitude, medindo muito as consequências de uma decisão dessa natureza.

As pesquisas de boca-de-urna confirmam o que já se percebia no período que antecedeu ao dia das eleições: um visível crescimento de Lula nas ruas. Quanto ao senador Mario Covas, candidato do PSDB, a onda que se processou em torno de sua candidatura deu-se às vésperas do pleito, e o impulso promovido a seu favor não parece ter sido suficiente para fazê-lo galgar o segundo turno. A candidatura Covas tinha boa penetração junto à classe média, mas não alcançava, na medida do desejável, os setores mais pobres da população, que afinal detêm grande poder de decisão. Para encerrar, uma observação final: o segundo turno, fossem quais fossem os candidatos, prometia ser muito radicalizado. Mas se confirmada a previsão de que o adversário será Lula, a radicalização política alcançará escala jamais imaginada. Quem viver, verá.